



ISBN: 978-65-272-2671-0

DOI: 10.29327/9786527226710.1638368

Em Tempo de Revolta: Análise e Resgate Histórico dos Movimentos Radicais e Críticos da Geografia no Brasil e suas Origens.

Allan Vitor Porto Costa¹

Resumo

A Geografia contemporânea é fruto da evolução do conhecimento científico, resultado de mudanças teóricas e metodológicas que acompanharam a história da humanidade e a natureza. Durante o século XX, o mundo foi tomado por duas grandes guerras e uma disputa ideológica e a geografia atuou como ferramenta de administração territorial, dominação política e exploração mineral. Entretanto, a partir da década de 60, emergiu um movimento crítico em oposição a utilização da Geografia como ferramenta quantitativa influenciada pelo pensamento marxista e motivada pelas profundas desigualdades sociais no tecido urbano. Fazendo assim surgir a Geografia Radical, que passou a entender o espaço geográfico como produto das relações sociais e contradições do sistema capitalista diante o cenário mundial globalizado.

Palavras chave: Marxismo, Geografia, Radical, Ideologia, Crítica.

In Times of Revolt: An Analysis and Historical Review of Radical and Critical Movements in Geography in Brazil and Their Origins

Abstract

Contemporary geography is the product of the evolution of scientific knowledge, resulting from theoretical and methodological changes that have accompanied the history of humanity and nature. During the 20th century, the world was engulfed by two world wars and an ideological conflict, and geography served as a tool for territorial administration, political domination, and mineral exploitation. However, beginning in the 1960s, a critical movement emerged in opposition to the use of geography as a quantitative tool—influenced by Marxist thought and motivated by the profound social inequalities in urban areas—giving rise to Radical Geography, which came to understand geographical space as a product of social relations and the contradictions of the capitalist system within the context of a globalized world.

Palabras clave: Marxismo, Geografia, Radical, Ideologia, Crítica.

¹ Estudante de Graduação em Geografia pela Universidade do Estado do Amazonas (UEA), E-mail: avpc.geo26@uea.edu.br

ISBN: 978-65-272-2671-0

DOI: 10.29327/9786527226710.1638368

Introdução

Na construção de uma corrente do conhecimento científico construída desde a pré-história até a idade contemporânea, se observa uma série de mudanças e subversões ideológicas, resultado da evolução do pensar de cada respectiva época. A geografia contemporânea é resultado de uma série de acontecimentos e estudos da terra e da sociedade e se exprime de formas e metodologias diferentes, mas que de toda forma ainda se foca no mesmo eixo central que é a relação do homem, a sociedade e a natureza ao longo do tempo.

O século 20 foi moldado por conflitos e guerras que foram responsáveis por avanços tecnológicos, culturais e científicos. Dessa forma, geógrafos do período foram obrigados a se adaptar ao momento histórico de tensões políticas e interesses econômicos resultando então em uma geografia meramente descritiva e quantitativa, visto que o interesse das máquinas estatais imperialistas do momento era a pura exploração e dominação de territórios, assim como controle de colônias infundadas nas correntes de pensamento geográfico possibilista e determinista que, mesmo após o abandono das ideologias, serviu como base essencial para a construção metodológica da Geografia Quantitativa Estadunidense.

Já na década de 60, ainda que haja um debate ideológico em um mundo polarizado entre duas potências imperialistas que tem interesses expansionistas, percebe-se que ambas são guiadas por correntes de pensamento diferentes: liberal e socialista. A partir disso, as nações ao redor do mundo vão desenvolver suas próprias correntes e vertentes do pensamento geográfico visando explorar e desenvolver seus interesses políticos e econômicos, e em alguns casos, defender a própria população a mercê do estado maquiavélico, fazendo assim surgir a Geografia Radical e Crítica.

Geografia Radical e Suas Origens

A Geografia Radical tem raízes difusas ao redor do mundo, partindo do ponto de vista que diversas sociedades intelectuais iniciaram seu processo de radicalização perante o desenrolar do século sangrento, o qual foi marcado por guerras na produção de discursos e imaginações políticas focadas no controle do domínio territorial, econômico, cultural e informacional de populações. A exemplo, a guerra do Vietnã, vítima de ambas ofensivas, que solidificou-a como ciência de exploração e inventário de recursos, seguindo a dinâmica capitalista e acrescentando sua área de atuação para expansão interna das fronteiras de dominação psicossocial.

A partir disso, todo um grupo social subjugado é capaz de fazer juízo de valor e perceber que há algo profundamente errado com a proposta metodológica e a finalidade da ciência em si que em primeira instância se propusera a analisar as relações do homem dentro da natureza, mas que agora, se centra em dominá-lo. Sob essa ótica, surge inconformidade, raiva e descontentamento com as potências responsáveis pelos embates físicos e culturais, difusos ao pensamento estadunidense e se reerguem pautas político-filosóficas que estavam sendo cerceadas pela academia a serviço do estado. Estado este que fazia questão de que graduandos e já formados não aprendessem sobre o questionamento e metodologia filosófica de extrema importância para a abordagem social

ISBN: 978-65-272-2671-0

DOI: 10.29327/9786527226710.1638368

que essa nova geografia com caráter humano e político visava ter. Logo, criam-se estudos voltados ao pensamento crítico e popular focado em ser atuante, não meramente espectadora, indo assim até as raízes dos problemas da sociedade utilizando como fundamento o marxismo.

Milton Santos, geógrafo crítico brasileiro, contribui e reforça esse debate posteriormente em sua obra *Por Uma Nova Geografia* (1986) ao fazer uma reflexão da natureza como paradigma de seu período, aplicando seu pensamento ao contexto já apresentado. O mesmo afirma que a perspectiva de se analisar a natureza é resultado dos paradigmas daquele momento, dessa forma, cada período da história da humanidade é analisado a partir de uma ótica diferente refletida nas tecnologias utilizadas pelo meio para formular teorias, conceitos e modelos. Consequentemente, se faz inevitável uma mudança metodológica mediante as renovações tecnológicas no campo da filosofia e também no campo da guerra.

Indo por um caminho mais concreto, Kirk Mattson (1978) afirma que há três pontos cruciais para a criação, sistematização e fortalecimento desse movimento do pensar nas américas. O primeiro sendo a Expedição Geográfica de Detroit (E.G.D.), posteriormente a criação da revista radical “Antipode” e logo após, a criação da União de Geógrafos Socialistas. Já na França, temos Yves Lacoste com a revista *Hérodote* (1976) e na Inglaterra temos Richard Peet com a coletânea *Radical Geography* (1977) auxiliando assim na expansão do pensamento radical e socialista na substituição da “Nova Geografia”, meramente pragmática, alienada e objetivada no estudo de padrões espaciais.

A Expedição Geográfica de Detroit

Dando continuidade ao surgimento dessa linha de pensamento nas américas, o primeiro que se faz necessário ser citado é William Bunge, fundador da Expedição Geográfica de Detroit (1968) ou então “Sociedade para investigação humana”. Serviu para o ressurgimento de atividades de exploração e expedição de forma a visitar áreas desfavorecidas e degradadas a fim de contribuir para o desenvolvimento dessas comunidades utilizando de uma metodologia horizontal e inclusiva, onde geógrafo e morador são atuantes e ambos se auxiliam e adquirem conhecimento social e geográfico. Bunge nasceu em Detroit, cidade do meio oeste dos Estados Unidos, cresceu observando as dinâmicas de desenvolvimento industrial e urbano no seu ambiente e as consequências sociais desses fluxos aplicados diretamente no seu próprio bairro, Fitzgerald, que por ser predominantemente composto por uma população negra sofreu processo de “guetificação”, logo, processo de formação de um gueto que segundo Loïc Wacquant (2004):

(...) o “gueto” denota uma área urbana restrita, uma rede de instituições ligadas a grupos específicos e uma constelação cultural e cognitiva (valores, formas de pensar ou mentalidades) que implica tanto o isolamento sócio moral de uma categoria estigmatizada quanto o truncamento sistemático do espaço e das oportunidades de vida de seus integrantes.

ISBN: 978-65-272-2671-0

DOI: 10.29327/9786527226710.1638368

O contexto geral que Bunge estava inserido era de pura instabilidade: a guerra do Vietnã, assim como a movimentação pela luta dos direitos civis, foi combustível para reacender a chama radicalista e reformista que havia se apagado nos Estados Unidos graças a derrota do Eixo nos anos 40. Criou-se então um cenário perfeito para o surgimento de partidos socialistas mortos pelo estado, a volta de ciências acadêmicas e grupos de estudos críticos-sociais mediante a produção da desigualdade social e por fim, o conflito social aliado da dependência do capitalismo retrógrado sob exploração e dominação capitalista. Dessa forma, observando a desigualdade social e renda, William passou a se organizar junto a movimentos comunitários e começou a educar aquela massa de maneira informal por meio do pensamento geográfico com o objetivo de incentivar a conservação e proteção do bairro de Fitzgerald que estava a mercê de agentes de urbanização a serviço do estado capitalista privado burguês, assim como dos próprios proprietários de residências que estavam sob aluguel na região.

Dado isso, juntamente com uma de suas alunas e a cooperação da Universidade de Michigan, se criou oficialmente o Instituto de Expedição Geográfica de Detroit que ofertava cursos gratuitos de geografia e urbanismo com base nos ramos da educação, publicação e expedições com foco para a comunidade do gueto da cidade para alcançar a propagação do conhecimento geográfico crítico-social. Segundo Richard Peet (1977), o ramo educacional foi utilizado de cursos envolvendo temas como “As regiões de Detroit”, “América não anglo-saxã” e “Planejamento urbano” para os negros do centro da cidade. Na vertente das publicações, houve propostas para publicações em jornais assim como em atlas e exposições individuais separadas, e também relatórios a respeito da descentralização escolar entre crianças de: negras em bairros negros, negras em bairros brancos, brancos em bairros negros e brancos em bairros brancos resultado das expedições ministradas.

Contudo, dada a natureza social, crítica e antissistema do projeto, o mesmo acabou por ter seu investimento cortado pela Universidade de Michigan e, além disso, os docentes envolvidos foram estritamente proibidos de ministrar aulas na universidade fazendo com que a expedição se encerrasse. Consequentemente, Bunge não teve alternativa a não ser se refugiar no Canadá para evitar perseguições políticas. Entretanto, embora o projeto tenha se encerrado, ainda sim deixou marcas em toda uma geração de alunos assim como influenciou outras ondas expedicionárias e sobretudo agregou no vocabulário, adicionando termos e conceitos jurídicos dentro da geografia, implicando comprometimento com conceitos, problemas e situações civis e propriamente urbanas, entrando no quesito do direito de ir e vir e o direito à cidade.

A Revista Antipode e Hérodote

Dentro do surgimento do pensamento radical, temos a publicação da revista “Antipode”. A revista teve sua origem como consequência das expedições de Detroit em 1969 e se preocupa em retratar a realidade da forma crua e cruel que se encontrava, exibindo impactos sociais causados por mineradoras dos Apalaches e junto disso a pobreza rural e urbana que apenas crescia. Além disso, publicava os resultados das expedições de Bunge, dessa forma espalhando o conhecimento social, provocando revolta

ISBN: 978-65-272-2671-0 DOI: 10.29327/9786527226710.1638368

nos leitores, estimulando o pensamento crítico e radical e, assim, atraindo mais colaboradores e influências para o meio como David Harvey.

David Harvey foi peça essencial para a mudança no eixo ideológico da metodologia geográfica a partir de seu papel revolucionário na forma de performar o pensamento ao observar em sua afirmação a própria “Antipode” (1972) de que a emergência das condições sociais objetivas e a nossa patente incapacidade de enfrentá-las que explicam a necessidade de uma revolução geral na forma de se pensar e reproduzir a geografia. Sendo assim, aquele que se considera de fato radical deve ir além de reformular paradigmas que assolam o espaço urbano social, assim como tecer críticas profundas ao sistema inserido junto da origem da situação em que determinado povo se encontra através do método marxista utilizando de uma base fenomenológica nova materialista e analítica, e logicamente provocando olhares negativos para si mediante a oposição conservadora e liberal.

Posteriormente, em 1974, após diversas perguntas, perseguições e pautas a respeito do papel ideológico na Geografia, os contribuidores se prestaram a explorar o campo do marxismo, e mais importante que isso, tentar compreender o papel e as contribuições de países do “terceiro mundo” na geografia, algo nunca antes imaginado visto que essa classe de países era subjugada. Nessa perspectiva, surge a pergunta: de que serve a geografia e para quem ela serve? O estudo da terra até então só se preocupava com quantificação, descrição de porções de terra e seus recursos aí inseridos, exibindo um caráter completamente positivista e pouco humanista. Sob esse viés, Yves Lacoste, geógrafo com princípios radicais franceses, afirma:

Pois, a geografia serve, em princípio, para fazer a guerra. Para toda ciência, para todo saber deve ser colocada a questão das premissas epistemológicas, o processo científico está ligado à uma história e deve ser encarado, de um lado, nas suas relações com as ideologias, de outro, como prática ou como poder. Colocar como ponto de partida que a geografia serve, primeiro, para fazer a guerra não implica afirmar que ela só serve para conduzir operações militares, ela serve também para organizar territórios, são somente como previsão das batalhas que é preciso mover contra este ou aquele adversário, mas também para melhor controlar os homens sobre os quais o aparelho de Estado exerce sua autoridade. A geografia é, de início, um saber estratégico estreitamente ligado a um conjunto de práticas políticas e militares e são tais práticas que exigem um conjunto articulado de informações extremamente variadas (Lacoste, 1988, p. 9).

Assim, Yves Lacoste responde qual a verdadeira função dessa ciência que, embora tão comentada, é ainda somente superficialmente estudada. Reduzir um campo de estudo que se dedica a estudar a relação do homem com a natureza somente a serviço da matança e tão pouco a serviço do cidadão é um crime contra a própria humanidade e conduz a academia a autodestruição, tornando o estudo uma mera prestação de serviço ao estado capitalista burguês. Lacoste não apoia ou então reforça essa utilidade, ele aponta e critica como o capitalismo se apropria dos meios de produção intelectual para sua própria manutenção e exploração extensiva. Contudo, se os estudos geográficos são

ISBN: 978-65-272-2671-0

DOI: 10.29327/9786527226710.1638368

capazes de realizar análises extensivas a respeito de porções de territórios, ele da mesma forma é capaz de atuar em prol da população.

Paralelamente a “Antípode”, se tem a revista “Hérodote” administrada por Yves Lacoste que é de suma importância para a construção do pensamento radical. Por mais que ambas sigam a mesma linha de pensamento criticando a forma que a ciência estava sendo utilizada, elas divergem ao entrar no exerto do marxismo. A “Antípode” utiliza como método de análise o modelo marxista material histórico-dialético e justifica sua utilização e a importância da mesma visto o cenário de industrialização e precarização do ambiente urbano estadunidense que havia se tornado um grande problema, dessa forma sendo uma revista completamente parcial, radical e reformista. Já a “Hérodote”, em nenhum momento adota um lado extremo na balança que separa o radical do quantitativo, mas ainda assim, se encontra à esquerda visto todas as críticas tecidas. A principal diferença entre essas duas é o método, já que Hérodote abandona e renuncia a utilização do marxismo como metodologia do corpo teórico, pois a própria afirma que seu objetivo não é fazer uma geografia científica baseada no materialismo dialético, ou sequer uma geografia operacional.

Mas de toda forma, durante sua publicação a revista foi caracterizada e julgada por supostamente tentar criar uma Geografia Proletária ao democratizar a capacidade de analisar o espaço geográfico em função dos meios de produção, que até então era de conhecimento somente de uma elite intelectual ou financeira, criando assim, espaço para a luta de classes, militância e combate para conquista dos direitos. Lacoste afirmava que a utilização da geografia de forma meramente descritiva era nada mais que um tapa buraco, levando em consideração que em seu Magnum Opus literário o mesmo afirma que o papel dessa ciência era a serviço do poder. Sendo assim, a única crise na geografia se encontraria nos professores devido a uma série de problemas pedagógicos presentes na época.

A “Antípode” se estabeleceu como oposição de revistas clássicas, conservadoras e liberais da geografia, buscando uma óptica mais popular e de base democrática, misturada com o marxismo. Foi responsável pela junta de William Bunge com a União de Geógrafos Socialistas.

Surgimento da União de Geógrafos Socialistas (U. G. S.)

A União de Geógrafos Socialistas (U. G. S.), fundada em 1974 teve como propósito trabalhar para a reconstrução radical da sociedade de acordo com os princípios da justiça social fundamentados na teoria socialista, trabalhando para uma organização nas comunidades e expondo a teoria geográfica, contribuindo com a luta revolucionária a partir de autores como David Harvey e David M. Smith. Sendo assim, uma associação composta por estudantes, geógrafos, professores e membros do movimento sindical que lutavam pela reorganização da sociedade através do ensino didático de teorias, metodologias, perspectivas e alternativas dentro do próprio ponto de vista geográfico através de sessões de estudos e conferências periódicas.

A partir disso, nota-se que os trabalhos de Bunge assim como da revista “Antípode” são bases sólidas para a construção do pensamento radical dentro da geografia

ISBN: 978-65-272-2671-0

DOI: 10.29327/9786527226710.1638368

e a cooperação do socialismo, que dão início a uma alternativa oposta a “Nova Geografia” a qual apenas servia ao estado, e não a população subjugada, segregada e negligenciada. Dessa forma se atentando a realidade social, abandonando o legado positivista e rompendo valores fenomenológicos, epistemológicos e metodológicos em busca da compreensão de termos socioeconômicos e desconstrução do entendimento sobre os meios de produção para entender o espaço geográfico e seu horizonte a frente, aplicando assim o método materialista histórico dialético. Com isso, dando voz à massa oprimida e negligenciada da América do Norte por meio do conhecimento.

O Brasil em Meio a Renovação Metodológica

A óptica marxista na geografia não permaneceu somente no hemisfério norte do globo. Por mais que tenham sido pioneiros na construção e sistematização desse pensamento, o sul global urgia por justiça social e reformas drásticas na política que pudessem levar em consideração a instabilidade ideológica por todo o globo, estes ocasionados por embates bipolares entre capitalismo e socialismo liderado por potências neo imperialistas e afetando diretamente nas dinâmicas de poder dentro e fora de cada porção de território tratada propriamente como país. Consequentemente, afetando o Brasil na década de 60 com o golpe de estado realizado por membros da classe militar secretamente financiados e apoiados pelo governo dos Estados Unidos com o objetivo de tomar controle político e psicossocial de toda América Latina motivados pelos seus próprios interesses econômicos.

Paralelo a isso, a Geografia Radical não é a única inserida no meio quando se aborda sobre inconformidade e revolta ao sistema. De forma indissociável, a Geografia Crítica aborda temas como pobreza, marginalização e periferias, desigualdade, violência e busca apontar problemas e soluções sob uma ótica menos radical e mais humanista, sem necessariamente procurar respostas envolvendo reformas e reestruturação de bases políticas, sociais e econômicas, trazendo eixos extremamente pertinentes para o excerto como a precarização da educação e a divisão sistemática do espaço pela burguesia e os meios de produção. O caráter crítico engendrado ao movimento se dá pela análise sob um viés objetivista, e assim como a Radical, propõe-se a analisar o espaço e as relações sociais utilizando do método material histórico-dialético que além disso, se compromete com uma frente ética. Milton Santos em sua obra *Por Uma Outra Globalização* (2000) vai e aponta que a globalização elimina as noções de coletivismo e solidariedade reduzindo as noções de morais a níveis imorais, dessa forma fazendo uma reflexão quanto ao papel ético dos meios de produção e como isso afeta o cotidiano do cidadão cada vez mais individualizado em meio a sociedade capitalista hostil e opressiva.

Ainda assim, toda geografia que se opunha ao quantitativismo seria caracterizada como Crítica, por mais superficial e pobre que seja essa adjetivação, visto que classifica qualquer vertente e ramo da Geografia Contemporânea em apenas um objeto e não se aprofunda em suas especialidades e elementos que as fazem ser diferentes das demais, ignorando a densidade de movimentos como a Geografia Cultural, Geografia Humana e propriamente a Geografia Radical, sendo de certa forma ofensivo e

ISBN: 978-65-272-2671-0

DOI: 10.29327/9786527226710.1638368

desrespeitoso com autores e estudantes dos eixos abordados que tanto se dedicam ao desenvolvimento do pensamento científico.

De maneira ambiciosa, a busca pela reforma e pela reorganização do sistema é motor para o movimento dessa ideia, ao considerar o pensamento de Diniz Filho (2003) em que a transformação social é um pré-requisito para a renovação geográfica, sendo assim, para reformular as cadeias do pensar, toda crítica deve ser voltada às ferramentas de produção e reprodução do capitalismo a fim de reestruturar a consciência crítica coletiva.

O Início da Transformação

A renovação geográfica a partir da óptica crítica radical no Brasil se iniciou por volta de 1976 com o ardor da ditadura militar (1964) e o Boletim Paulista de Geografia (1976). Durante esse ano, a BPG publicou um editorial onde questiona a necessidade de mudar dentro da perspectiva de análise geográfica:

Uma política editorial foi definida levando em consideração as necessidades e problemas que a Geografia e demais ciências humanas enfrentam no presente momento, bem como as contribuições que os geógrafos podem e devem dar ao conhecimento da realidade, qualquer que seja o nível ou setor em que atuam (BPG-176 p. 5).

Dificuldades essas que se tratariam da censura e cerceamento do conhecimento acadêmico crítico-social e político gerado pela opressão estatal autoritária que ocorria em detrimento da manutenção dos privilégios burgueses e militares, objeto de crítica de qualquer analista econômico e político que se prestasse a falta de senso coletivista, a respeito do bem estar social e a reformulação dos direitos civis. Logo, se viu a necessidade de criar uma linha de frente intelectual contra a opressão do regime e trazer a Geografia Humana de volta ao debate. Assim como a Guerra no Vietnã reacendeu o pensamento humanista nos Estado Unidos, é característico que todo movimento de opressão gere uma oposição progressista, a violência e negligência organizada da máquina estatal ocasiona movimentos populares cíclicos alimentados pela necessidade de mudança nos padrões políticos, como a Guerra do Vietnã reacendeu os ideais socialistas na América do Norte e assim também o Regime Militar de 1964 resultou em movimentos cívicos contra autoritários

Dessa forma, a Associação de Geógrafos Brasileira (AGB) decide então publicar trabalhos e artigos resultados de reuniões culturais convocados pela própria AGB a fim de produzir, estimular e publicar o conhecimento científico crítico tão necessário no momento de opressão que se vivia em meio a ditadura. Sendo o texto mais importante o de Bernard Kayser (1976), que debate a economia no modo de produção capitalista e a falsa ilusão do liberalismo, quando na verdade, a indústria privada supostamente independente do estado é impulsionado pelo mesmo para trazer lucro a ambas instituições fazendo uma crítica ao liberalismo econômico, afinal de contas, o papel da máquina estatal é servir a nação que move o país e não gerar lucro tal como uma empresa privada que presa pela automanutenção da própria renda, dando um ponta pé inicial à esquerda e o modo de produção socialista.

ISBN: 978-65-272-2671-0

DOI: 10.29327/9786527226710.1638368

Já posteriormente em 1977, talvez se tenha o momento mais importante da renovação científica dentro da geografia no Brasil, com a publicação do Boletim 54 da AGB e a exposição de textos cruciais para o debate humano como “O pensamento geográfico e a realidade brasileira” de Manuel Corrêa de Andrade (1989), além de títulos como “A formação social como teoria e como método” e “Desenvolvimento econômico e urbanização em países subdesenvolvidos: os dois sistemas de fluxo da economia urbana e suas implicações espaciais” de Milton Santos (1977), onde ele discute a formação econômica e social para estabelecer uma teoria do espaço embasada nesses dois elementos, portanto, afirmando que espaço, sociedade e formação social são conceitos inseparáveis ao analisar a formação do espaço. Posteriormente o mesmo publica um trabalho chamado “Por Uma Geografia Nova” (1986) onde, de um ponto de vista histórico, anuncia um novo rumo para o estudo geográfico no Brasil em que expõe a crise do estudo geográfico em decorrência da ditadura e a carência de uma visão humanista dentro da ciência, como já notado anteriormente por autores franceses e estadunidenses que inspiraram autores como Armando Corrêa Da Silva em seu texto “O conceito de espaço de David Harvey” (1978) durante o encontro da AGB em Fortaleza - CE.

Dado todo o contexto de crítica, revolta e reformulação das bases de metodologia do conhecimento científico da Geografia anunciada por Milton Santos quase que de forma messiânica, a “Geografia Nova” ou então “Geografia Radical” classificada assim por Roberto Corrêa Lobato (1980), surge no Brasil para enfrentar a repressão e negligência do estado em todas as suas posições e em sua totalidade como ferramenta crucial de formação social e formação do espaço geográfico, visto que ambos são conceitos indissociáveis em uma sociedade de classes como a brasileira. Por mais que o marxismo seja inerente a luta de classes, ainda assim, dado o legado cultural da ditadura, fez com que os conceitos e a própria terminologia socialista fossem vistos como tabu e algo a ser evitado, dessa forma, o conhecimento radical ainda não era democratizado a toda a população e nem a todos os estudantes da área. É o que Ruy Moreira, em 1980, se atreve a desenvolver em seu trabalho chamado “Geografia e Práxis: Algumas Questões”, abordando diversos autores dentro do pensamento radical e sistematizando dentro de sua obra reflexões base para a compreensão do espaço numa lógica materialista histórica dialética.

Cinco eixos de reflexão do espaço indicam em nossos dias o desenvolvimento de uma vertente marxista no pensamento geográfico: 1) o espaço como formação social (Milton Santos), 2) o espaço como mediação da reprodução das relações de produção (Henri Lefebvre), 3) o espaço como mediação das relações de dominação de classes e de poder (Lacoste), 4) o espaço como sistema de contradições sociais (David Harvey), 5) a sociedade como natureza socializada e história naturalizada (Massimo Quaini) (Moreira, 1980, p. 267).

Desse modo, tecendo uma nova forma de se compreender a realidade sócio espacial brasileira por meio de cinco eixos temáticos inerentes utilizando-se de termos da teoria marxista que tanto influenciaram o pensamento. Sobre isso, é importante apontar exatamente os principais pontos de influência ideológico dentro da metodologia, e Diniz Filho (2003) possui profunda colaboração ao discorrer a respeito de quatro principais pontos: Na esfera epistemológica, trata de discussões a respeito da mudança de objeto de

ISBN: 978-65-272-2671-0

DOI: 10.29327/9786527226710.1638368

estudo da geografia e a oferta de um novo método de análise para o estudo desse mesmo objeto; na teoria, oferece uma teoria ampla sobre críticas ao capitalismo dentro do mérito espacial como o valor da terra e o desenvolvimento desigual planejado; ideologicamente, molda a perspectiva de mundo, representações e valores sociais; e por fim, no corpo prático, estabelece o fundamento que a ética, ciência e política são conceitos indissociáveis, mas ainda assim, somente no campo da teoria, longe das práticas. Práticas essas que se centralizam em torno da plena justiça social, direito à cidade, eliminação da pobreza, redução da desigualdade de renda e reformulação do espaço urbano que é veículo do capital, resultante de todos os outros eixos anteriormente citados e em plena manutenção pelo sistema capitalista opressivo responsável por toda guerra na cidade, no país e no mundo.

Com isso em mente, Milton Santos (1980) vai em frente no questionamento a respeito da possibilidade de uma mudança e entende que isso somente é possível com a modificação da natureza das relações do estado com o sistema internacional, ou seja, com estabelecimento de uma soberania própria inabalável longe de influências externas intervindo em relações e dinâmicas nacionais e, sobretudo, com a mudança do próprio sistema internacional, embasada na afirmação feita por ele mesmo de que os paradigmas teórico-metodológicos são frutos do período e das tecnologias do meio inserido. Paralelamente a isso, outras mudanças extremas para a modificação do cenário nacional seriam o aumento da expansão da periferia com menor influência das relações capitais, e também a atenuação do domínio das potências neo imperialistas sobre países subdesenvolvidos.

Ainda na perspectiva crítica Miltoniana, a atenuação da desigualdade de renda e o acúmulo de capital seria um desafio difícil, levando em consideração que a miséria e a desigualdade são fenômenos indissociáveis do modo de produção capitalista. Esse problema se manifesta diretamente no espaço, produto da desigualdade integral das relações econômicas, sociais e que serve de veículo para o grande capital privado realizar agito e propaganda, se sobrepondo então ao circuito inferior, alterando as dinâmicas de comércio a seu favor e exacerbando cada vez mais as desigualdades onde suas mãos tocam. Dessa forma, para a mudança desse plano cruel é necessária uma transformação estrutural, de base consequentemente radical, a fim de que se construa uma sociedade onde problemas como os vistos no cotidiano e já apresentados sejam reduzidos, mortificados e até anulados sem margem para a conservação dos fenômenos hostis inerentes ao capitalismo, sendo essas as diferenças necessárias para a mudança através do conhecimento geográfico, diretamente na raiz dos problemas em busca de uma realidade mais justa.

Considerações finais

Isto posto, a Geografia Radical surge como uma resposta aos problemas que a Geografia Quantitativa trouxe, que ao abordar temáticas meramente descritivas, quantitativas e técnicas acabou por negligenciar as profundas desigualdades produzidas pela dinâmica econômica no capitalismo e sua auto manutenção apoiada pelo estado. A partir disso, geógrafos de todo o mundo passam a desenvolver uma nova vertente dentro

ISBN: 978-65-272-2671-0 DOI: 10.29327/9786527226710.1638368

da ciência comprometida com a transformação social, capaz de compreender o espaço geográfico não apenas como físico, mas como produto de relações histórico-sociais, econômicas e políticas.

Todo esse trajeto evidencia que o conhecimento geográfico nunca foi neutro e conforme os trabalhos de Bunge na revista “Antipode”, Yves Lacoste na “Hérodote” e pela consolidação do pensamento crítico-social, a produção do conhecimento está diretamente relacionada aos interesses e disputas presentes na sociedade. Dessa forma, a Geografia passa a questionar seu próprio papel e assumir postura crítica diante da exploração do proletariado e a segregação socioespacial dentro do espaço urbano.

No Brasil, a renovação geográfica ocorrida a partir da década de 1970 encontrou terreno fértil em meio ao contexto da ditadura militar e das intensas transformações socioeconômicas do país. As contribuições de Milton Santos, Ruy Moreira, Armando Corrêa da Silva e outros intelectuais permitiram a construção de uma Geografia comprometida com a compreensão das contradições da sociedade brasileira, valorizando a análise da formação socioespacial, das relações de poder e das desigualdades produzidas pelo desenvolvimento capitalista.

Assim, a Geografia Radical representou uma importante ruptura epistemológica ao incorporar a crítica social e o materialismo histórico-dialético como instrumentos de interpretação da realidade. Seu legado permanece atual diante dos desafios contemporâneos, como a crescente urbanização desigual, a concentração de renda, os conflitos territoriais e as diferentes formas de exclusão social. Mais do que compreender o espaço geográfico, a Geografia Radical propõe refletir sobre as condições de sua produção e sobre as possibilidades de construção de uma sociedade mais justa, democrática e socialmente igualitária.

Referências

ANDRADE, Manuel Correia de. O PENSAMENTO GEOGRÁFICO E A REALIDADE BRASILEIRA. Boletim Paulista de Geografia, [S. l.], n. 68, p. 125–146, 2017. Disponível em: <https://publicacoes.agb.org.br/boletim-paulista/article/view/940>. Acesso em: 18 jul. 2026.

AUTORES, Vários. Considerações a propósito de um artigo de Bernard Kayser. Boletim Paulista de Geografia, [S. l.], n. 51, p. 31–46, 2017.

CHRISTOFOLETTI, Antônio. As características da nova geografia. Geografia, [S. l.], v. 1, n. 1, p. 3–33, 2020.

CHRISTOFOLETTI, Antônio. Perspectivas da Geografia, 1982.

CRUZ, Alonso Renche, VAQUERO, Jesus E. Rodriguez. La geografía radical: una nueva alternativa, un proyecto de trabajo, 1976.

CORRÊA, Roberto Lobato. Da “Nova Geografia” à “Geografia Nova” (1980). Geografia e Sociedade, Vozes, Petrópolis.

DINIZ FILHO, Luis Lopes. A geografia crítica brasileira: reflexões sobre um debate recente. **Geografia**, [S. l.], v. 28, n. 3, p. 307–321, 2023.



ISBN: 978-65-272-2671-0 DOI: 10.29327/9786527226710.1638368

LACOSTE, Yves. A Geografia: isso serve, em primeiro lugar para fazer guerra. Tradução Maria Cecília França. Campinas, SP: Papirus, 1988.

MATTSON, Kirk. Una introducción a la geografía radical. Cuadernos Críticos de Geografía Humana, 1978.

MOREIRA, Ruy. Geografia e Práxis: Algumas Questões (1980). Geografia e Sociedade, Editora Vozes, Petrópolis.

PEDROSA, Breno Viotto. “Entre as ruínas do muro: a história da geografia crítica sob a ótica da ideia de estrutura”, (2013).

PEDROSA, Breno Viotto. A geografia crítica em cena – “AGB 78 – Assim se passaram 40 anos”, *Terra Brasilis* [Online], 2024.

PEET, Richard. Radical geography : alternative viewpoints on contemporary social issues. Tradução: . Chicago, Maaroufa Press, 1977.

SANTOS, Milton. Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal. 1. ed. Rio de Janeiro: Record, 2000.

SANTOS, Milton. Sociedade e espaço: a formação social como teoria e como método. Boletim Paulista de Geografia, [S. l.], n. 54, p. 81_100, 2017.

SANTOS, Milton. Desenvolvimento econômico e urbanização em países subdesenvolvidos: os dois sistemas de fluxo da economia urbana e suas implicações espaciais. Boletim Paulista de Geografia, [S. l.], n. 53, p. 35–60, 2017.

SANTOS, Milton. Por uma Geografia Nova: da crítica da Geografia a uma Geografia crítica. 3. ed. 1986.

SILVA, Armando Corrêa da. A renovação geográfica no Brasil 1976/1983 (As geografias crítica e radical em uma perspectiva teórica). Boletim Paulista de Geografia, [S. l.], n. 60, p. 73–140, 2017.

SILVA, Armando Corrêa da. O conceito de espaço de David Harvey - implicações ontometodológicas, 1978

WACQUANT, Loïc. Que é gueto? construindo um conceito sociológico. Revista de Sociologia e Política, [S. l.], n. 23, 2004. DOI: 10.5380/rsp. v23i0.3702.

Agradecimentos

Agradecimentos especiais ao Prof. Dr. Thiago Oliveira Neto, Olivia Nogueira Nogueira e Maria Luiza Soprano Corrêa.